

Rio de Janeiro, 11/06

Capitalismo e crise da cultura 1ª parte

Prof. Luciano Menegaldo
Instituto Militar de Engenharia

Sumário

1. Capitalismo e crise da cultura
2. Causas do quadro
3. Motivações para a cultura
4. Dificuldades
5. Ações concretas no âmbito pessoal e coletivo

1. Capitalismo e crise da cultura

Na conferência sobre o relativismo, fizemos um apanhado histórico a partir do nominalismo medieval até a pós-modernidade mostrando como foi se formando o relativismo gnoseológico contemporâneo.

Vários dos aspectos históricos abordados então serão repetidos aqui, uma vez que o relativismo é um dos aspectos, no caso com relação ao conceito de verdade, que compõe o quadro intelectual contemporâneo.

Esse quadro é mais amplo, e vamos procurar aqui fazer uma análise mais abrangente, tendo como pano de fundo o capitalismo, visto não apenas do ponto de vista econômico, mas de uma maneira mais ampla: como esse conceito se ramifica na vida social, especialmente na cultura.

Quando falamos de capitalismo, devemos precisar alguns termos.

No no. 42 da encíclica *Centesimus Annus*, diz o papa João Paulo II. Eu faço minhas as suas palavras:

“pode-se porventura dizer que, após a falência do comunismo, o sistema social vencedor é o capitalismo e que para ele se devem encaminhar os esforços dos Países que procuram reconstruir as suas economias e a sua sociedade?”

A resposta apresenta-se obviamente complexa. Se por «capitalismo» se indica um sistema económico que reconhece o papel fundamental e positivo da empresa, do mercado, da propriedade privada e da consequente responsabilidade pelos meios de produção, da livre criatividade humana no sector da economia, a resposta é certamente positiva, embora talvez fosse mais apropriado falar de «economia de empresa», ou de «economia de mercado», ou simplesmente de «economia livre». Mas se por «capitalismo» se entende um sistema onde a liberdade no sector da economia não está enquadrada num sólido contexto jurídico que a coloque ao serviço da liberdade humana integral e a considere como uma particular dimensão desta liberdade, cujo centro seja ético e religioso, então a resposta é sem dúvida negativa.”

Vamos procurar estudar: quais os elementos históricos, filosóficos e sociais que desembocaram na mentalidade capitalista contemporânea (que possuem aspectos positivos e negativos, nos dois sentidos em que fala o papa) e os principais traços dessa mentalidade no que diz respeito à cultura e à educação.

Na próxima conferência, vamos abordar a questão do ponto de vista mais prático: que atitudes podemos tomar diante do quadro.

O capitalismo lato senso é um fenômeno que pode ser associado a que período histórico: modernidade? Iluminismo? Pós-modernidade?

Como sabemos da história, o modo de produção capitalista está associado justamente com a gênese da modernidade, do iluminismo, especialmente nos países anglo-saxões protestantes. Enquanto na França latina o pessoal ficava se matando, e principalmente matando a nobreza, o inglês pragmático começou a perceber que se ele trabalhasse e organizasse melhor os meios de produção ele poderia ficar rico, mesmo sendo um plebeu. E deixem os nobres quietos, que nós agora, a burguesia, vamos ganhar grana e pronto.

De qualquer modo, os dois tipos de iluminismo são intimamente aparentados, pois são um grito de liberdade contra o status quo e possuem uma visão instrumental da verdade. Mais científica para os franceses, mais tecnológica para os saxões.

Ainda que mais ou menos. Quando falamos da Revolução Francesa, a coisa foi bem menos linear do que nos contam. Episódio:

“Quando i discepoli di Voltaire vanno al potere, ecco che l'8 maggio del 1794 ghigliottinano (con migliaia di altri) un uomo di cinquantun anni: era Antoine-Laurent Lavoisier. Cio e, la maggior gloria scientifica di Francia, forse d'Europa, il fondatore della chimica moderna, 10 scopritore della formula dell' acqua e dell' aria, il benemerito - tra l' altro - della Rivoluzione, come autore del nuovo sistema di pesi e misure. Ai giudice che lo condannava a morte, Lavoisier chiese un rinvio di quindici giorni dell' esecuzione della sentenza per terminare un'importante ricerca in corso. «La Repubblica non ha bisogno di scienziati!» gli replicò (dice la tradizione) il giacobino «illuminato», indicandogli la carretta per il patibolo.

Vittorio Messori, Qualche ragione per credere, Oscar Mondadori, 1999, Pg. 227”

De qualquer maneira, o mundo contemporâneo mudou muito desde então, e agora somos pós-modernos. Que é no fundo uma síntese entre a modernidade e a reação à modernidade, aos limites da modernidade.

No fundo é uma mistura de diversas correntes ideológicas, uma síntese de visões parciais e reducionistas do conceito de homem e de sociedade.

Vejamos alguns dos elementos filosóficos que compõem o capitalismo contemporâneo

Racionalismo cartesiano

- A modernidade começou para valer, do ponto de vista filosófico, com o Renatinho Descartes. Qual é a idéia básica do cara? Só o racional é real. As coisas só são reais se são racionais. Se são claras, distintas, mensuráveis, matematizáveis. Fora disso, é tudo achismo.
- Para física, vá lá. Se você não mediu não serve para nada. Mas quando você fala do homem, a coisa é muito diferente. O homem REAL não é matematizável. O homem é humano, com sentimentos, paixões, racionalidade, desejos, tédios, euforias, tudo misturado.

" O inglês apenas joga futebol, ao passo que o brasileiro "vive" cada lance e sofre cada bola, na carne e na alma. Djalma Santos põe, no seu arremesso de lateral, toda a paixão de um Cristo negro." Nelson Rodrigues, Fatos e Fotos, 6/1962

"Ora, você já notou, cecerto, que, como eu, os meus livros, em essência, são 'antiintelectuais'- defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, da megera cartesiana." G. Rosa, entrevista.

Cientificismo positivista

Outro tipo. O cara que quer achar na ciência a explicação para tudo, ou acha que a ciência é uma coisa santa que vai redimir a humanidade. O verdadeiro messias não é Cristo, mas a ciência.

Esse é o positivismo, a redenção pela técnica.

O próprio nazismo a gente pode incluir nesse barco, com a sua pretensa eugenia e raça humana perfeita.

Uma das conseqüências disso é o culto ao método: deve-se aplicar o assim chamado "método científico" a toda e qualquer realidade que existe no universo. Se há um furo na aplicação do método, ou se o método não for aplicável, nada se pode afirmar de nada.

Mas e as ciências humanas, a literatura, a história, a filosofia? Não venha com conversa! Comigo é pão pão queijo queijo. Tem que medir, mensurar, anotar, fazer estatística. O que passa disso procede do maligno, da superstição.

"É um fato, na hora atual, que o sábio moderno renda culto escrupuloso ao método científico, de tal forma que parece mais interessado no método do que na própria verdade; se dedicasse parecida vigilância a sua vida interior, logo chegaria a ser um santo.", Garrigou Lagrange, As três idades da vida interior

Marxismo (enquanto realização histórico-cultural do racionalismo)

Às vezes se encara o marxismo como a antítese do capitalismo. E na realidade os dois são parentes próximos. Nelson Rodrigues diria que o capitalismo é o Irmão Karamazov do marxismo, como o Flamengo do Fluminense....

O marxismo parte de um sistema mental arbitrário, sem base suficiente na realidade (mais do que isso, pega um ASPECTO PARCIAL da realidade e acha que toda a realidade é o aspecto parcial esquecendo do resto...). É essencialmente, um materialismo.

Ambos, marxismo e capitalismo, têm um raiz materialista, tanto na sua gênese quando nas realizações contemporâneas do capitalismo, como por exemplo o consumismo:

“Outra forma de resposta prática, enfim, está representada pela sociedade do bem-estar, ou sociedade do consumo. Ela tende a derrotar o marxismo no terreno de um puro materialismo, mostrando como uma sociedade de livre mercado pode conseguir uma satisfação mais plena das necessidades materiais humanas que a defendida pelo comunismo, e excluindo igualmente os valores espirituais. Na verdade, se por um lado é certo que este modelo social mostra a falência do marxismo ao construir uma sociedade nova e melhor, por outro lado, negando a existência autônoma e o valor da moral, do direito, da cultura e da religião, coincide com ele na total redução do homem à esfera do econômico e da satisfação das necessidades materiais.” Centesimus Annus, no. 19

Para o marxismo, o homem é um ser material produto da luta de classes, ou algo parecido com isso.

Mas, na realidade, o homem não é exatamente isso, por que ele é burguês, egoísta, ou o que for. Assim, vamos encaixar o homem real dentro da idéia de homem que eu tenho na cabeça, e assim o que eu PENSEI se torna REAL. (um dos principais meios utilizados para transformar o real no pensado foi a violência física, mas deixa para lá...)

O que se realizou na prática com relação ao determinismo histórico marxista foi um triunfo cultural do eurocomunismo (Gramsci): hoje o mundo ocidental possui uma influência cultural marxista tremenda, inclusive nos EUA! (principalmente depois do movimento de 68, Marcuse, Reich etc.)

O modo de produção econômico do marxismo todo mundo já percebeu que não leva a nada, mas a influência cultural stupidificante e emburrecedora encardiu profundamente a cultura ocidental. É uma tragédia! Todo o esforço por transformar o ser humano num poretário deu resultado, muito especialmente no campo cultural.

Exemplo: formação em história que a maioria de nós teve na escola.

- Neste sentido, talvez uma das principais contribuições do marxismo para o capitalismo tenha sido o marketing, a propaganda. A habilidade e pioneirismo do marxismo nesse campo foram notáveis. Tanto Stalin quanto Hitler foram sobretudo grandes gênios da propaganda, grandes Dudas Mendonça. Filme “Arquitetura da destruição”.

Um exemplo entre muitos, a propaganda anti-religiosa utilizando o caso Galileu.

Ma come sai, il «caso Galileo» fu montato e impugnato contro la Chiesa prima dal liberalismo borghese e poi dal marxismo. Per decenni, generazioni di «progressisti» si sono commosse e indignate, assistendo alla *Vita di Galileo*, il dramma di Bertolt Brecht. Peccato, però, che nessuno ricordi mai come l'autore di quella denuncia fosse stato insignito del Premio Stalin dalle mani stesse del dittatore, a Mosca, e che la versione definitiva del dramma sia stata recitata, nel 1957, in quella capitale dei diritti umani e della libertà di pensiero che era Berlino Est. E messa in scena, per giunta, a spese di quello Stato «democratico» tedesco che pagava a Brecht tutte le spese del suo teatro, il *Berliner Ensemble*, con centinaia di dipendenti.

Vittorio Messori, Qualche ragione per credere, Oscar Mondadori, 1999, Pg. 227

Pós modernidade

Hoje em dia, as pessoas já superaram essa espécie de “culto idolátrico à ciência”, haja visto como nós pesquisadores ganhamos tão mal... . Essas coisas, a ciência e tal, estão um pouco desacreditadas. A menos desse negócio de genoma ou células tronco e tal, que pode ser a solução definitiva para todos os males, da unha encravada ao câncer de próstata. Parece uma ressurreição do cientificismo, com um forte aspecto eugenista nacional socialista. Parece que Nietzsche estava certo, com o mito do eterno retorno...

Mas, de um modo geral, predomina o ceticismo, o pensamento débil. Como dizíamos anteriormente, uma verdadeira renúncia pelas perguntas mais sérias, ficando só nas questões mais fáceis: onde vamos passar as férias, com que roupa eu saio hoje, o que eu vou jantar. Questões triviais, que tomam proporção de questões essenciais.

Nota-se assim:

- a) Descrença na filosofia
- b) Descrença na antropologia (natureza humana), e fica com o homem apenas no seu momento histórico. Meu vô fazia assim, eu faço assado, mas antes era assim e agora é assado. Relativismo ético causado por um modelo antropológico fraco, débil.
- c) Técnica psicanalítica como remédio para a tristeza
- d) Técnica da prescrição médica: o técnico médico prescreve o procedimento do aborto. Tudo é uma questão de técnica. Aliás, eu estive vendo o Império Contra Ataca, e o Chubaca me pareceu um excelente técnico. Não precisa mais do que isso....

(podemos falar numa próxima ocasião sobre a questão do culto à técnica, que é muito interessante)

(há muitos aspectos positivos na modernidade e na pós-modernidade, mas desviaríamos do tema da palestra se entrássemos a fundo nisso)

Capitalismo liberal contemporâneo

Grande mistura disso tudo:

Na sua versão mais radical, capitalismo selvagem ou capitalismo original, no que consiste essa ideologia?

O motor da economia é a busca de lucros.

O lucro é o que no candomblé se chama axé, o bixo, o lance. Que se situa por cima de qualquer consideração ética e humana em geral: um agente maximizador de benefícios, calculador de ativos e passivos, galvanizado pelo incentivo de possuir cada vez mais, não se sabe para que.

O mercado seria então a grande máquina cega dos intercâmbios, que converte a ambição e a inveja em um valor econômico. Ou seja, mesmo que o cara se destrua como pessoa, se consegue vencer na vida, está bom. Se o casamento por exemplo vai para o saco, tudo bem, desde que ele (ou ela) triunfe profissionalmente. E assim por diante.

Vejam que essa condição possui uma forte componente modernista, no sentido histórico: idealismo, materialismo (tanto quanto o marxismo), racionalismo (racionalização da produção), tecnicismo (necessidade da tecnologia para sustentar a máquina) etc.

Na medida em que estamos imersos na máquina capitalista, seja de que modo for, estamos penetrados desse caldo ideológico de tipo modernista.

Mas a nossa sociedade é ao mesmo tempo pós-moderna: ceticismo, sentimentalismo, superficialidade, tolerância,

Dessa mistura, haveria muito o que dizer, com relação aos aspectos específicos que configuram o nosso capitalismo moderno.

Por exemplo:

Nas “Contradições culturais do capitalismo”, Daniel Bell demonstra que o consumismo está acabando com as virtudes típicas do capitalismo, entras as quais sempre figuraram a austeridade, a disciplina e a capacidade de poupança.

A. Llano, La vida lograda, Ed. Ariel, 2002, pg. 56

Mas não é isso que nos interessa aqui. O que eu gostaria de abordar é o problema cultural: como o homem contemporâneo (capitalista racionalista sentimental cético superficial) vê e sente a cultura e a arte.

E mostrar como isso é um reducionismo antropológico, que possui sérias conseqüências práticas.

Alguns traços culturais (enumeração não exaustiva)

Trivialidade

Quantas pessoas nós conhecemos que pensam? E que pensam por conta própria? E que pensam por conta própria com profundidade?

“Stiepan Arcádievich (um dos maiores cornos mansos de toda literatura universal) era leitor de um jornal liberal, não extremista, antes de tendência política a que pertencia a maioria. Embora, na realidade, não lhe interessassem nem a ciência, nem a arte, nem a política, defendia firmemente as mesmas opiniões da maioria e do jornal (seria O Globo?), só mudando de idéia quando todos os faziam, ou melhor, não mudava de idéias; estas eram que se transformavam imperceptivelmente, por si mesmas.”

Tolstoi, Ana Karenina, pg. 17

É um embotamento coletivo impressionante. E o que é interessante é a incensação de alguns indivíduos extremamente inteligentes que conseguem captar justamente o que as pessoas querem ouvir, e o dizem bem. Chico Buarque, Caetano Veloso. Jô Soares. Grandes sábios. Luminárias. Oráculo. Homens-cimeira da sociedade contemporânea. No fundo, ressoam (com grande talento) que as pessoas querem ouvir. Mas não muito mais que isso.

Como diz Ortega y Gasset, na Rebelião das Massas, “Quando vejo que para um homem ou grupo se dirige fácil e insistente o aplauso, surge em mim a veemente suspeita de que nesse homem ou nesse grupo, talvez junto a dotes excelentes, há algo sobremodo impuro.”

Ou então os tipos práticos, que dominam boa parte dos postos de decisão. (Informação do César Bullara, com relação à predominância de temperamentos SJ em cargos gerenciais de empresas).

Trecho do diálogo Teeteto, de Platão:

“Sócrates - ...Tales, o qual, enquanto estudava os astros e estava olhando para o alto, caiu num poço: sua jovem escrava da Trácia, inteligente e graciosa, riu-se dele, observando que se preocupava tanto em conhecer as coisas no céu e, ao contrário, não via as coisas que estavam diante dele, entre os pés.(...) O que ele busca é saber o que é o homem e o que convém à natureza humana”

Essa atitude filosófica, desinteressada, é ridicularizada, tachada de improdutiva e irrealista.

Dificuldade de admirar o belo:

No dia em que a criatura humana perder a capacidade de admirar, cairá de quatro, para sempre. O mal de todos nós, a nossa crise, a nossa doença, é que admiramos pouco, admiramos de menos.

Nelson Rodrigues

Numa cidade como o Rio de Janeiro, as pessoas de um modo geral estão habituadas a contemplar a beleza da natureza, por razões óbvias. E isso é muito bom.

Mas é incrível como massas enormes de pessoas se acostumaram e apreciam uma estética da feiúra, a ponto de desprezarem o belo como algo sem sentido: favelas (há gente que não se incomoda com a feiúra, mesmo moradores que poderiam morar em casas de verdade), pichações e poluição visual de um modo geral, baile funk, sinaleiras de garagem, esses cantores todos: claudinho e buchecha, o tchan, a Kelly Key (pós-feminista), etc. Filme de porrada. Vídeo games de porrada. Jornalismo sangrento (frivolidade mórbida ou morbidez frívola?). Pornografia. Repulsa pela literatura clássica e busca dos best sellers (o cara nunca leu um Tolstoi mas já devorou a opera omnia do Dan Brown... Como pode????). Interesse pela vida privada de artistas de novela. Incapacidade de apreciar as belas artes.

Quer dizer: as pessoas apreciam a porcaria e não são capazes de perceber o belo. (quanto ao primeiro, até vá lá. Um breguinha às vezes é legal...), mas o segundo é muito grave.

Tudo isso é causado, em grande medida, por que o sistema de produção capitalista percebeu que a excitação dos instintos humanos, o menos corticalizados possível, é uma fonte de lucro certo.

O dinheiro é fogo. Ele é absolutamente necessário para a arte (mecenato), mas ele pode tomar o próprio lugar da arte, se travestindo de arte, se mimetizando com a arte, dando uma falsa impressão de ser arte: cinema enlatado, a música que toca *ad nauseam* nas FMs, a “indústria do entretenimento” etc. Quantas pessoas que conhecemos sabem diferenciar filme de cinema?

Ao que se estende a tudo e em tudo está, o chamam os metafísicos transcendental. Esse é o caso do ser, da verdade, o bem ou a beleza. (...) todos esses transcendentais estão em desvantagem com relação ao dinheiro, por que com ele não só se podem comprar as coisas boas e belas, senão também as más e as feias, para não insistir nas falsas. Desse modo, o dinheiro é uma espécie de supertranscendental.

A. Llano, La Vida Lograda, ed. Ariel, 2002, pg. 44

Especialização do conhecimento

“Porque outrora os homens podiam dividir-se, simplesmente, em sábios e ignorantes, em mais ou menos sábios e mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser submetido a nenhuma destas duas categorias. Não é um sábio, porque ignora formalmente o que não entra na sua especialidade; mas tampouco é um ignorante, porque é “um homem de ciência” e conhece

muito bem sua porciúncula de universo. Devemos dizer que é um sábio ignorante, coisa sobremodo grave, pois significa que é um senhor que se comportará em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem na sua questão especial é um sábio.”
Ortega Y Gasset, A rebelião das massas

Isso tem sérias implicações no campo da ciência, mas também na sociedade como um todo: por exemplo, para liderar um processo produtivo qualquer, seja no campo empresarial, de pesquisa e desenvolvimento, no setor governamental, ou onde for, você está constante e simultaneamente trabalhando com problemas de ordem: jurídica, econômica, política, técnica, emocional, psicológica, psicopatológica, ascética (pecados capitais mesmo, com os quais é necessário conviver), contábil, histórica, sociológica, numérica, etc. etc.

Tudo isso é necessário gerenciar ao mesmo tempo, e é muito difícil. Estamos na sociedade complexa. Como fazer isso sem uma formação adequada, tanto do ponto de vista técnico como humanístico?

Eu me atreveria a dizer até o seguinte: que somos 3º mundo justamente por que não sabemos formar as nossas elites com essa visão de conjunto.

Não sabemos formar os nossos universitários, ao contrário dos colleges americanos, que entucham o cara de filosofia grega e literatura russa antes de qualquer outra formação de tipo técnico. Ao contrário dos colegiais italianos, alemães ou ingleses, que passam a maior parte do tempo estudando línguas clássicas (ou não) e literatura dos seus países.

Com todos os defeitos do 1º mundo, talvez até maiores do que os nossos em certa medida, eles sabem organizar a sociedade melhor do que nós, por que sabem formar as suas elites. Por que, sobretudo, conseguiram manter o espírito da universidade muito mais próxima da idéia original, medieval. A universidade norte-americana e inglesa são as mais próximas do ideal universitário medieval. Ao passo que a nossa é sobretudo uma máquina burocrática extremamente ineficiente.

Essa, a ineficiência, é a consequência benigna do “sábio estulto”. O pior mesmo é quando ele quer intervir na legislação, quer impor um padrão ético etc. Causou-me profunda repugnância o comportamento da Dra. Maiana Zatz da USP utilizando deficientes com “escudos humanos” para aprovar a Lei de Biossegurança e os experimentos com células tronco.